

FILOSOFIA DA MENTE: O CONCEITO MENTE-CORPO EM SEARLE E THOMPSON

PHILOSOPHY OF MIND: THE MIND-BODY CONCEPT IN SEARLE AND THOMPSON

Luciana Lacerda de Carvalho

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
lula.moc@gmail.com

RESUMO: Este artigo se propõe a mostrar a posição dos filósofos John Searle e Evan Thompson, no que se refere ao conceito mente-corpo, considerando-se o corpo como o cérebro. Trata-se de um trabalho de revisão de literatura, levando-se em conta a análise conceitual permeada pela filosofia analítica, que serve de base para o postulado de cada um deles acerca do assunto, principalmente, quanto aos princípios emergentes.

PALAVRAS-CHAVE: Mente-corpo. Searle. Thompson. Emergência.

ABSTRACT: This article proposes to show the point of view of the philosophers John Searle and Evan Thompson, regarding the mind-body concept, and considering the body as the brain. This is a paper based on a literature review, which takes the conceptual analysis permeated by the analytical philosophy, which serves as the basis for each one's approach to the subject, mainly, on the emergentist principles

KEYWORDS: Mind-body. Searle. Thompson. Emergence.

INTRODUÇÃO

Até décadas atrás, estudos a respeito da teoria mente-corpo não eram atrativos, pois o que se referisse a estados mentais ou consciência não era considerado objeto para a pesquisa científica, e era deixado para trás, na cômoda lista de conceitos metafísicos⁴². Segundo Frederico Fernandes de Castro:

Cientistas que procuraram respostas para o problema mente-corpo ou esbarravam em questões de ausência de método, ou entendiam que tais questões fogem do escopo da ciência, considerando ser uma problemática meramente filosófica, tornado o problema cientificamente irrespondível. (CASTRO, 2017, p. 12)

Segundo Cláudio Costa (2005), o divisor de águas nesta questão surgiu em 1949, quando o inglês Gilbert Ryle⁴³ publicou a obra *O Conceito da Mente*.

⁴² Metafísica, ou ontologia, estuda o “ser enquanto ser”, isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares. Era chamada, por Aristóteles, de filosofia primeira. A metafísica procura analisar conceitos básicos como Deus, alma, mundo. (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 458)

⁴³ Gilbert Ryle (1900–1976) foi um filósofo inglês, representante da geração de filósofos britânicos influenciados pelas teorias de Wittgenstein sobre a linguagem, e é conhecido, principalmente, pela sua

Desde então, conforme Costa (2005), o desenvolvimento da filosofia da mente foi mais intenso que nos séculos anteriores.

Para Danilo Marcondes (2004):

...novos desenvolvimentos no campo da filosofia da psicologia e das ciências cognitivas fizeram com que os filósofos analíticos retomassem questões sobre a natureza da mente e da consciência, sobre a relação entre a mente e a realidade e a mente e a linguagem. (p. 50)

Desde então, alguns filósofos têm se colocado a postular sobre o assunto, dos quais destacamos Samuel Alexander, C. Lloyd Morgan, U.T Place e C. D. Broad, além de Francisco Varela, Humberto Maturana e os dois filósofos, objeto deste artigo: John R. Searle e Evan Thompson.

Porém, Castro (2017), embasado em Nicholas Bunnin (2002), traz uma advertência:

Um outro lado perigoso que circunda o estudo da mente através da filosofia é a transposição de algumas verdades dogmáticas dos laboratórios para o discurso filosófico, que tendem a minimizar a reflexão, tornando assim comum o surgimento de concepções reducionistas fortalecidas pelo rigorismo característico de abordagens filosóficas (CASTRO, 2017, p. 12)

Diante do que já foi colocado, importante informar o objetivo deste artigo: descrever, à luz da filosofia da mente, o pensamento dos filósofos John R. Searle e Evan Thompson, no que diz respeito ao conceito de mente-corpo.

O trabalho se divide em cinco partes: na primeira, foi feito um resumo sobre a filosofia analítica contemporânea e seus campos de atuação; na segunda parte, houve uma descrição do que seja filosofia da mente e a questão da consciência; na terceira e quarta partes, os postulados dos filósofos Searle e Thompson, respectivamente; na quinta parte, as considerações finais.

Espera-se que tenha sido atingido o objetivo, que é mostrar como cada um dos filósofos selecionados se posiciona e explica a questão mente-corpo.

FILOSOFIA ANALÍTICA: CONTEMPORANEIDADE

crítica ao dualismo cartesiano, para o qual ele cunhou a frase "the ghost in the machine" (o fantasma na máquina) (Disponível em <<http://inteligenciaartificialblog.blogspot.com.br/2012/06/biografia-de-gilbert-ryle-livro-concept.html>>. Acesso em 25 nov. 2017).

Este item resume a filosofia analítica em sua fase moderna e contemporânea, mesmo havendo surgido em épocas mais remotas, identificada em obras de filósofos como Platão e Aristóteles.

Segundo Marcondes (2004), a expressão “filosofia analítica” pode ser interpretada de dois modos:

Em um sentido mais amplo, significa uma maneira de se fazer filosofia recorrendo-se ao método analítico para o tratamento das questões filosóficas. Em um sentido mais específico e historicamente determinado, a filosofia analítica é uma corrente filosófica que adota o método analítico e surge ao final do século XIX, desenvolvendo-se ao longo do século XX até os tempos atuais, caracterizando-se assim como uma das principais correntes do pensamento contemporâneo. (p. 9)

Já fazendo uso dos escritos de Searle, temos que a filosofia analítica “é o modo dominante de filosofar nos Estados Unidos” (2002, p.1). O autor completa seu pensamento, declarando que ela se ocupa “principalmente com a análise do significado” (2002, p. 2). Conforme Marcondes (2004) descreveu:

Em termos gerais, a filosofia analítica pode ser caracterizada por ter como ideia básica a concepção de que a filosofia deve realizar-se pela análise da linguagem. Sua questão central seria então, pelo menos em um primeiro momento, “Como uma proposição tem significado?”. É nesse sentido que, nessa concepção de filosofia, o problema da linguagem ocupa um lugar central. (p.12)

Sua fase moderna é baseada no trabalho realizado pelo Círculo de Viena, e nas obras de Gottlob Frege, Ludwig Wittgenstein, Bertrand Russel, dentre outros. A obra de Frege, inclusive, é considerada por Searle “crucial” para a filosofia analítica, ao desenvolver uma “filosofia da linguagem abrangente e profunda” (2002, p. 2).

São ramos da filosofia, de interesse dos filósofos analíticos, na contemporaneidade, além da linguagem, a filosofia moral, a ética, a ciência cognitiva, a filosofia da biologia, a filosofia social, a filosofia da mente, dentre outras.

Retornando ao pensamento da filosofia analítica e sua relação com as filosofias da linguagem e da mente, Searle tem a dizer:

Em minha opinião, a filosofia da mente e a filosofia social se tornarão centrais para todo o empreendimento filosófico. A ideia de que o estudo da linguagem poderia substituir o estudo da mente está se

transformando na ideia de que o estudo da linguagem é de fato uma ramificação da filosofia da mente. (SEARLE, 2002, p. 22)

Searle ainda afirma que, não há tema, área, na atualidade, que consiga mais interação da filosofia com outras disciplinas, que a filosofia da mente (2002, p. 13).

FILOSOFIA DA MENTE E O ESTUDO MENTE-CORPO

O que seria a mente? Seria possível, algum dia obter alguma resposta, com base em provas empíricas⁴⁴, constatando, sem sombra de dúvida, a sua existência, à luz das ciências naturais? Conforme Castro, “o estudo da mente é um dos enigmas profundos da Filosofia Contemporânea” (2017, p. 12).

Não somente da filosofia contemporânea, pois, desde as épocas mais distantes, pensadores já postulavam sobre o conceito mente-corpo, como o filósofo francês René Descartes (1596-1650) e sua teoria dualista, conhecida como “cartesianismo”, muito aceita no período, já que a separação entre mente e corpo servia perfeitamente aos princípios religiosos.

Mas, como definir a filosofia da mente? Costa assim a conceitua:

A filosofia da mente consiste em reflexões conjecturais acerca de estados (eventos, processos, disposições) mentais, que em conjunto constituem o que chamamos de mente. Eis uma classificação das várias espécies de estados mentais: 1) Sensações: dores, coceiras, cócegas, calafrios....2) Percepções: ver, ouvir, tocar, cheirar...3) Estados quase-perceptuais: sonhar, imaginar, alucinar...4) Emoções: amor, ódio, medo, alegria, tristeza, inveja, pesar...5) Cognições: crer, saber, entender, pensar, raciocinar, conceber...6) Estados conativos: desejar, querer, intencionar...(COSTA, 2005, p.8)

Contudo, os estudos relativos à cognição e à filosofia da mente avançaram muito nos últimos anos, se forem comparados com os períodos anteriores. Quais fatores poderiam ter contribuído para que o interesse tenha se intensificado entre os estudiosos? Costa traz algumas causas para tal:

O que teria produzido essa revolução? A resposta é que ela se deu como reflexo de outros desenvolvimentos, que começaram com a introdução de novas metodologias de análise filosófica e continuaram com o surgimento de novos domínios científicos como a neurofisiologia, a psicologia cognitiva e a inteligência artificial. O desenvolvimento dos computadores, por exemplo, forneceu um

⁴⁴ Empirismo: doutrina filosófica moderna (século XVII) segundo a qual o conhecimento procede, principalmente, da experiência. (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 457)

interessante modelo de comparação para uma renovada reflexão filosófica sobre questões como a da natureza da mente, dos estados de consciência e dos processos cognitivos. (COSTA, 2005, pp. 7-8)

Pode-se considerar tão complexo quanto o conceito de mente, sua relação com o corpo, neste caso, o cérebro. A teoria de Descartes se viu questionada e outras surgiram, desafiando o modelo metafísico, estabelecendo que a mente poderia ser física, material, assim como o cérebro e qualquer outra parte do corpo.

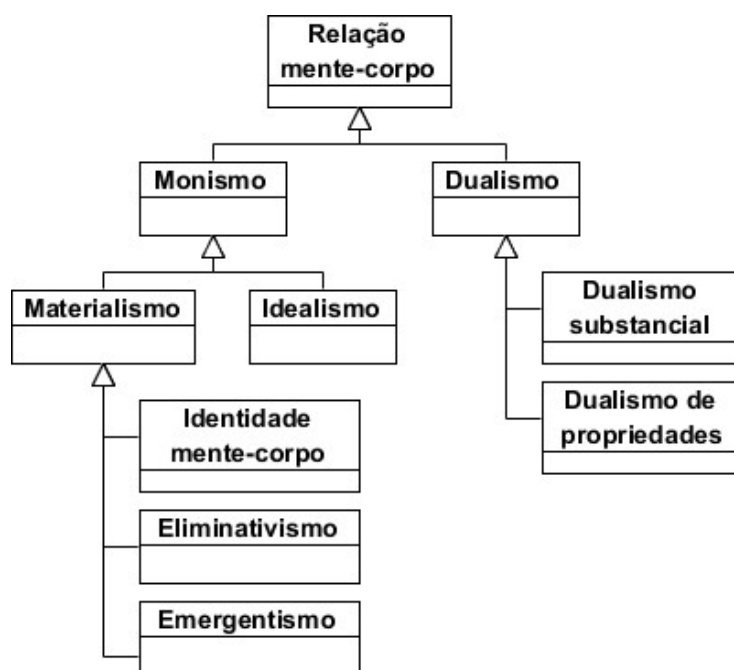


Figura 1 – Esquema com principais teses, frente ao problema mente-corpo (CARVALHO⁴⁵, 2011, *apud* CASTRO, 2017, p. 18).

Neste viés, à luz de Searle e Thompson, verificar-se-á como cada um deles se posiciona no quesito mente-corpo, já adiantando que ambos trabalham em parâmetros emergentistas⁴⁶, mesmo que com pensamentos diferentes

JOHN R SEARLE: PROPRIEDADES EMERGENTES

⁴⁵ CARVALHO, L. L. O Problema Mente-Corpo e o Naturalismo Normativo em Psicologia: Contribuições dos Conceitos de Superveniência e Sistemas Emergentes para uma Psicologia Não-Reducionista. Relatório Final de Pesquisa (Pós-Doutorado) FAPEMIG/UFU, Uberlândia, 2011.

⁴⁶ Emergência: Termo empregado pelos anglo-saxões para indicar o caráter criativo da evolução (In: ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.). No caso da do estudo da mente, vem do verbo emergir, associado à ideia de novo.

John Searle (1932 -) é filósofo norte-americano e professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia, EUA. Estudioso da filosofia da linguagem e da filosofia da mente, ficou famoso ao propor o argumento do Quarto Chinês⁴⁷, em que colocava em xeque a chamada Inteligência Artificial Forte⁴⁸. Neste artigo, abordaremos o que ele propõe a respeito da mente, conforme seus estudos.

Segundo Castro (2017), Searle, “baseado na tradição da Filosofia Analítica Contemporânea e na Filosofia da Linguagem, inicia sua pesquisa sobre o problema da consciência, dialogando com as Neurociências, com a Inteligência Artificial e com as Ciências Cognitivas.”

Searle defende o emergentismo na relação mente-corpo, por meio do que ele define como propriedade emergente:

... a consciência é uma propriedade causalmente emergente de sistemas. É uma característica emergente de determinados sistemas de neurônios da mesma forma que solidez e liquidez são características emergentes de sistemas de moléculas. A existência da consciência pode ser explicada pelas interações causais entre elementos do cérebro no nível micro, mas a consciência em si não pode ser deduzida ou presumida a partir da mera estrutura física dos neurônios, sem alguma descrição adicional das relações causais entre eles. (SEARLE, 2006, p. 162)

⁴⁷ O argumento do quarto chinês, por John Searle, em 1980, num artigo intitulado “Minds, Brains and Programs”, pretende mostrar que a implementação de um programa de computador não é por si só suficiente para a instanciação, por parte dos computadores, de estados mentais genuínos. Searle ataca assim uma tese que considera central no projeto de investigação, que denomina de Inteligência Artificial forte: que um computador adequadamente programado tem estados cognitivos genuínos. Para refutar esta tese, Searle elabora uma experiência mental com o objetivo de mostrar um computador adequadamente programado a executar o seu programa e, no entanto, não há nenhuma cognição relevante. Imagine que existe um programa para falar chinês que o faça falar tão bem como qualquer falante nativo de chinês e, portanto, indistinguível destes nesta habilidade. Imagine-se que um de nós, que não saiba falar chinês, está fechado num quarto, onde há caixas com símbolos chineses, um grande livro em português, em que está escrito o programa de computador para falar chinês, e uma entrada no quarto, para os inputs e outputs. Nós, fechados no quarto, estamos a executar o programa de computador; de vez em quando, são introduzidos no quarto alguns símbolos e as perguntas são feitas pelos falantes de chinês fora do quarto. Ao recebê-las, consultamos o grande livro, o programa, e, pegando em outros tantos símbolos, fazemos as respostas chegarem lá fora. Para as pessoas fora do quarto, como estamos a implementar o fantástico programa que fala chinês, somos de fato indistinguíveis de um falante nativo, mas nós, dentro do quarto, não entendemos uma palavra de chinês, e, segundo Searle, mesmo depois de correr o programa, continuamos sem perceber uma palavra. Mas, pergunta-se Searle: se nós, dentro do quarto, não temos nenhuma compreensão de chinês, como pode um computador, que esteja a implementar o mesmo programa, compreender chinês? Afinal, não há nada que o computador tenha que nós não tenhamos; é mais do mesmo, mas mais rápido. Nas últimas três décadas, este foi talvez o argumento filosófico mais debatido nas ciências cognitivas, visto por em causa a teoria computacional da mente e o projeto da inteligência artificial forte. (Em <<http://mentecerebrociencia.blogspot.com.br/2008/09/quarto-chins.html>>. Acesso em 25 nov. 2017)

⁴⁸ Inteligência Artificial Forte: segundo essa teoria, a mente seria análoga a um computador; já os seguidores da Inteligência Artificial Fraca defendem que mentes não podem ser comparadas a programas, porque as mentes possuem conteúdos mentais e os programas são definidos (sem consciência, não raciocina, simula, vazio semântico) (SEARLE, 2002)

Mesmo tendo elaborado duas concepções para a relação, sendo a supracitada denominada Emergente 1, Searle reafirma sua convicção nessa teoria, ao contrário da Emergente 2, em que a consciência (mente), após emergir das relações entre os neurônios, ganharia vida própria (2006, p. 163).

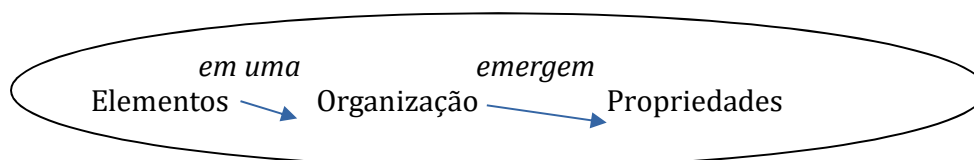


Figura 2 – sistema searleano (CASTRO, 2017, p. 49)

Portanto, Searle acredita que a consciência emerge da inter-relação entre os neurônios, sendo uma propriedade dependente dessas relações para existir.

EVAN THOMPSON: PROCESSOS EMERGENTES

O norte-americano Evan Thompson (1962 -) é escritor e professor de filosofia na Universidade Britânica de Colúmbia, em Vancouver, no Canadá. Ele trabalha com a natureza da mente, do eu e da experiência humana. Seu trabalho combina ciência cognitiva, filosofia da mente, fenomenologia e filosofia transcultural, especialmente as tradições filosóficas asiáticas.⁴⁹

Segundo Thompson (2013), "Onde há vida há mente, e mente, em suas formas mais articuladas, pertence à vida" (p. 9). E continua:

Mais precisamente, as características de auto-organização da mente são uma versão enriquecida das características de auto-organização da vida. A autoprodução ou organização "autopoietica"⁵⁰ da vida biológica já implica cognição, e esta, incipientemente, encontra expressão sensível na dinâmica de auto-organização da ação, percepção e emoção, bem como no fluxo do auto-movimento do tempo-consciência. (THOMPSON, 2013, p. 9)

Thompson diverge de Searle na questão das propriedades emergentes:

Em rigor, não faz sentido dizer que uma propriedade emerge, mas apenas que acaba por ser realizada, instanciada ou exemplificada num processo ou entidade que emerge no tempo. A emergência é um processo temporal, mas as propriedades (quer consideradas como universais ou como abstrações linguísticas) são atemporais. (THOMPSON, 2013, pp. 480-481)

⁴⁹ Biografia retirada do site do próprio filósofo em <<https://evanthompson.me/biography/>>

⁵⁰ Autopoiese: autoprodução, de modo ininterrupto. Conforme Thompson (2013, p. 481) "o processo emergente da autopoiese que constitui as células vivas."

Conforme Castro (2017), Thompson “entende que usar uma terminologia baseada em ‘propriedades’ é um vestígio do dualismo cartesiano que torna o problema intransponível” (CASTRO, 2017. p. 23).

Para Thompson, a mente não é uma propriedade do cérebro, mas sim, o próprio cérebro, já que emergem ao mesmo tempo, no que ele chama de co-emergência dinâmica:

Co-emergência dinâmica significa que um todo, não só surge a partir de suas partes, mas as partes também surgem do todo. Parte e todo co-emergem e mutuamente especificam um ao outro. Um conjunto não pode ser reduzido às suas partes, pois as peças não podem ser caracterizadas de forma independente do conjunto. Por outro lado, as partes não podem ser reduzidas ao todo, pois o todo não pode ser caracterizado independentemente das partes. (THOMPSON, 2013, p. 38)

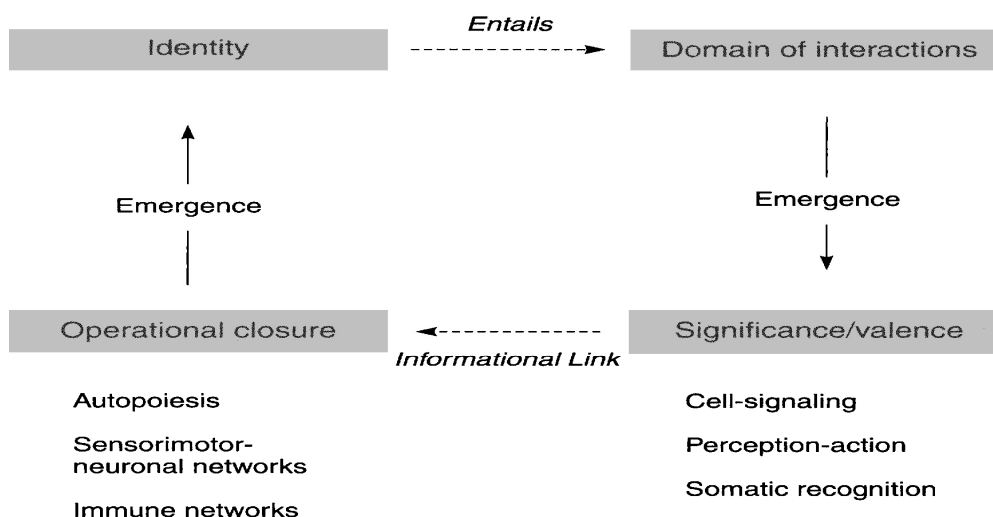


Figura 3 – Processo de co-emergência (THOMPSON, 2013, p. 60)

Por conseguinte, pode-se inferir que a consciência, neste caso, é o próprio funcionamento cerebral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de defenderem que a emergência é o conceito central quando se trata da questão mente-corpo, segundo Castro (2017, p. 21), Searle e Thompson concentram-se em modos diferentes para elaborarem suas teorias quanto ao assunto. Enquanto Searle se preocupou em explicá-la com base em propriedades emergentes, Thompson elegeu os processos emergentes para sustentar o seu posicionamento.

Estes são apenas dois, no meio da comunidade filosófica, e, com certeza, cada um tem seguidores, críticos, e há ainda uma parcela que procura a melhor explicação para esse tema tão complexo, que é a consciência (mente). Pode-se esperar que até os próprios Searle e Thompson continuem buscando aperfeiçoar suas teorias, pois é da natureza do filósofo analítico, a autocrítica.

Não se pode afirmar que algum deles detenha a razão sobre o assunto, mas não se pode negar que os avanços feitos nos últimos anos são imprescindíveis para que, um dia, possa-se chegar realmente a uma resposta concreta.

O importante é que a filosofia da mente parece ter vindo para ficar e, estando no meio de tantas ciências, como a biologia, a psicologia, a antropologia, inegável é que a busca por respostas perseverará, melhor, precisa perseverar.

Tem-se, no meio acadêmico, o costume de se fazer chacota dos cartesianos, mas foi de Descartes a única proposição da qual podemos ter certeza nesse campo: “Penso, logo existo.” Ou seja, pode-se duvidar de tudo, menos de que, até para duvidar, precisa-se pensar e para pensar, é necessário estar consciente (SEARLE, 2006).

Finalizando:

Embora a filosofia da mente contemporânea esteja marcada por estas e muitas outras construções/reflexões, para as quais é difícil vislumbrar uma saída a curto prazo, vale a pena inteirar-se delas, pois se o problema da consciência for contornado, a ciência cognitiva tornará o mundo interior finalmente transparente para si mesmo. (CESCON, 2010, p.333)

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

CASTRO, Frederico Fernandes de. A Filosofia da Mente de John R Searle na perspectiva emergentista. 2017. 62 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/mpich/files/2017/10/CASTRO_Frederico-Fernandes-de_-2017.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

CESCON, E. Quatro perspectivas contemporâneas em filosofia da mente. In: **Daimon: Revista Internacional de Filosofia**. Suplemento 3. 2010. p. 321-335. Disponível em <<http://revistas.um.es/daimon/article/viewFile/119491/112551>>. Acesso em 22 nov. 2017.

COSTA, Cláudio. **Filosofia da mente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MARCONDES, Danilo. **Filosofia analítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

SEARLE, J. R. **A Redescoberta da Mente**. Trad. Eduardo Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SEARLE, J. R. Filosofia Contemporânea nos Estados Unidos. In: BUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E. P. (Org). **Compêndio de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2002. pp. 1-23.

THOMPSON, E. **A Mente na Vida**: Biologia, Fenomenologia e Ciências da Mente. Lisboa: Instituto Piaget. 2007/2013.

Recebido em 2 de janeiro de 2018.

Aceito em 28 de fevereiro de 2018.